



GT 78. Saberes, ciências e tecnologias insubmissas: o conhecimento que se produz nas margens

Coordenador(es):

Graciela Froehlich (UNB - Universidade de Brasília)

Rogério Lopes Azize (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Sessão 1 - Engajamentos insubmissos

Debatedor/a: Rosana Maria Nascimento Castro Silva (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Sessão 2 - Corpos e tecnologias em disputas

Debatedor/a: Marcos Castro Carvalho (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 3 - Desencontros e tensões entre práticas hegemônicas e contra-hegemônicas

Debatedor/a: Rafael Antunes Almeida (UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira)

Com inspiração no tema da 32ª RBA, o GT visa reunir pesquisas interessadas em um certo tipo de insubmissão: a dos saberes, ciências e tecnologias produzidas nas margens da hegemonia, por vezes em situações de embate e resistência. São temas de interesse mais evidente etnografias sobre os conhecimentos emergentes que mirem a Ciência hegemônica desde uma perspectiva crítica; os estudos que relacionem os processos de produção científica e tecnológica a pressupostos e efeitos racistas, misóginos, capacitistas e heteronormativos; as ciências que se produzem em espaços e por sujeitos ditos “leigos” ou não autorizados, por vezes em tensão com marcos regulatórios; apreciações críticas de pressupostos teóricos, epistemológicos e metodológicos dos estudos sociais e da antropologia da ciência e da tecnologia; bem como as miradas analíticas que (re)ensem tais propostas a partir dos contextos de crimes/desastres socioambientais e do Antropoceno. Vamos acolher etnografias e ensaios de natureza teórica que, ao se voltarem para a antropologia da ciência e da tecnologia, fomentem diálogos entre a antropologia simétrica e as antropologias pós e decoloniais. A despeito da recusa de Bruno Latour e de outros proponentes da ANT de uma linguagem metasociológica e de apontamentos quanto à incompatibilidade de perspectivas, interessa-nos acompanhar Anderson (2009), Harding (1998; 2008) e Benjamin (2016) em seu esforço de pensar possíveis pontes entre as duas tradições de pensamento e pesquisa.

Quanto vale a vida? O barramento do rio Xingu: as narrativas de impacto e as práticas insurgentes dos povos Juruna Yudjá e Mëbengokre-Xikrin na Amazônia Paraense.

Autoria: Thais Regina Mantovanelli da Silva (UFSCAR - Universidade Federal de São Carlos)

Sete minutos. Esse foi o tempo de duração do leilão para concessão e comercialização de energia da Usina Hidrelétrica de Belo Monte. Sete minutos cuja duração devastadora impõe-se perversamente aos povos indígenas da região da cidade de Altamira, na amazônica paraense brasileira, local do empreendimento. Quando vale a vida? Sete minutos que foram capazes de inaugurar, mais uma vez, o fim do mundo para os povos Juruna Yudjá da Volta Grande do Xingu e Mëbengôkre-Xikrin da Terra Indígena Trincheira-Bacajá. A quem cabe o conceito de vida? Sete minutos que trouxe a consolidação pragmática e ontológica do que se pode nominar ?a era dos impactos?. Negligenciadas pelos relatórios técnicos apresentados pela empresa concessionária Norte Energia, maior acionista do empreendimento, as práticas narrativas dos impactos sofridos por esses povos e suas ações de resistência são o que pretendo evidenciar nessa composição



etnográfica. Os Mëbengôkre-Xikrin e os Juruna Yudjá insistem em afirmar suas assustadoras teorias de impactos decorrentes do barramento do Xingu e da drástica diminuição de seus regimes de cheia. Esses povos questionam com veemência os dados do monitoramento oficial apresentado pelo órgão empreendedor e por técnicos especialistas contratados pela concessionária Norte Energia. Ao expressarem seus questionamentos que contradizem os dados oficiais, ambos povos defendem a validade das teorias e das narrativas de impacto condizentes com suas formulações. Além disso, ambos os povos estão engajados em ações de resistência como monitoramentos independentes participativos, roteiros de turismo ativista, processamento e venda de produtos, sejam da biodiversidade amazônica ou de artefatos produzidos. O posicionamento crítico desses povos e seu engajamento em ações de resistência inspiram-me a buscar possibilidades descritivas que potencialize suas relações de conectividade territorial, cultural, social, ecológica com a Volta Grande do Xingu como ações de defesa da vida, de modo a que elas impactem também as reflexões antropológicas da escrita etnográfica enquanto ofício da disciplina.



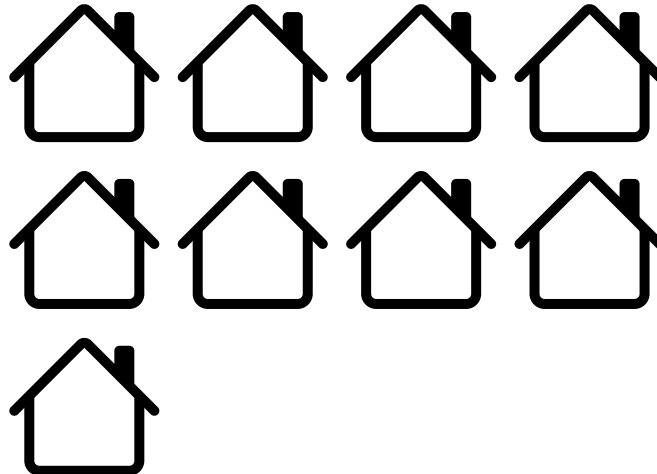
Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: